

## Índice

Nota da Editora	9
A Pena e a Pluma	13
Água-Marinha	39
Histórias, Eu	63
A Costela de Dante	89

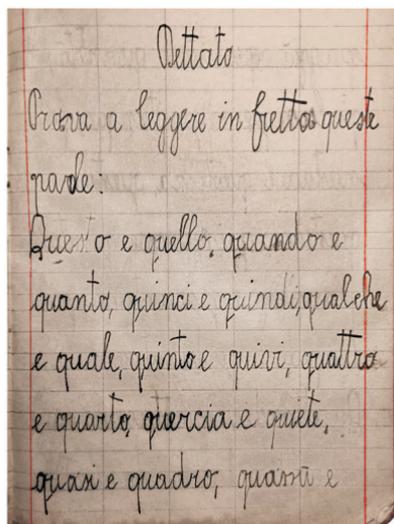
Senhoras e senhores,  
esta noite vou falar-vos da obsessão de escrever e das duas modalidades de escrita que julgo conhecer melhor: a primeira, consensual; a segunda, impetuosa. Mas, se me permitem, começarei por dedicar algumas linhas a uma menina que me é muito querida e às suas primeiras experiências com o alfabeto.

Recentemente, Cecilia — nome que lhe atribuo expressamente para vós — quis mostrar-me como sabia escrever bem o seu nome. Dei-lhe uma caneta e uma folha de papel, das que uso para a impressora, e ela ordenou-me: olha; em seguida escreveu «Cecilia» com uma concentração sofrida — letra após letra, em caracteres de imprensa — e os olhos contraídos como se corresse algum perigo. Fiquei contente, mas também um pouco ansiosa. A intervalos fui pensando: agora ajudo-a, guio-lhe a mão, não queria que ela errasse. Mas ela fez tudo sozinha. Nem se preocupou em come-

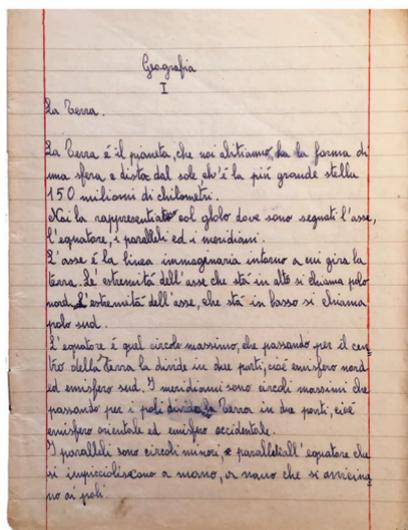
çar a escrever do cimo da página. Apontou tanto para cima como para baixo, e deu a cada consoante e a cada vogal tamanhos ao acaso: uma grande, uma pequena, uma média, deixando um espaço razoável entre elas. Por fim, voltou-se para mim e quase gritou: viste?, com uma necessidade imperiosa de ser elogiada.

Felicitei-a, evidentemente — imenso —, mas com um ligeiro mal-estar. Porquê aquele medo de que errasse? Porquê aquele meu impulso de lhe guiar a mão? Tenho pensado nisso nos últimos dias. Muitas décadas atrás, com certeza, também eu teria escrito do mesmo modo desordenado, em qualquer folha de papel informal, com idêntica concentração, com igual apreensão, com a mesma necessidade de elogios. Mas, honestamente, devo dizer que não tenho nenhuma lembrança disso. As minhas

primeiras recordações da escrita prendem-se com os cadernos da instrução primária. Tinham — não sei se ainda têm — linhas horizontais pretas, traçadas de maneira que delimitasse espaços de diferentes larguras. Assim:



A distribuição dos espaços ia-se alterando, da primeira classe até à quinta. Se disciplinasses a mão e aprendesses a escrever, dentro das linhas, letras pequenas, redondas, e letras que se erguiam para o alto ou resvalavam para baixo, passavas de classe e os segmentos horizontais que atravessavam a folha iam-se reduzindo de ano para ano, até que na quinta classe passavam a ser uma linha única. Assim:



Já eras crescida — tinhas começado o teu percurso escolar aos seis anos, e agora tinhas dez —, e eras crescida porque a tua caligrafia corria em ordem pela página.

Corria para onde? Bem, as riscas negras horizontais não eram as únicas que delimitavam a folha branca, havia também duas linhas vermelhas verticais, uma à

esquerda, outra à direita. Escrever era avançarmos dentro dessas linhas, e essas linhas — disso tenho uma lembrança muito nítida — foram o meu calvário. Estavam ali de propósito para sinalizar, e desde logo com a cor, que, se a tua escrita não ficasse contida entre aqueles dois fios esticados, eras castigada. Mas eu, ao escrever, facilmente me distraía, e se quase sempre respeitava a margem da esquerda, muitas vezes ultrapassava a do lado direito, ou para completar a palavra, ou porque atingira um ponto em que se tornava difícil dividi-la em sílabas e concluí-la sem invadir a margem. Fui castigada tantas vezes que o sentido do limite passou a fazer parte de mim, e quando escrevo à mão sinto a ameaça daquela linha vermelha vertical, apesar de ela já não existir há muito tempo nas folhas em que escrevo.

Que dizer então? Hoje suspeito de que a minha caligrafia — digamos — à la Cecilia tenha ficado dentro ou debaixo da caligrafia daqueles cadernos. Não me recordo, no entanto deve estar lá, finalmente disciplinada, de forma que permaneça nas linhas e entre as margens. Provavelmente, aquele primeiro esforço é a matriz de onde me vem ainda hoje uma sensação de presunçosa vitória, cada vez que alguma coisa obscura, de repente, sendo antes invisível, graças a uma primeira correnteza de sinais feitos na folha de papel ou no ecrã do computador, se torna visível. É uma combinação alfabética provisória, certamente imprecisa, mas, no entanto, tenho-a diante dos olhos, muito próxima

dos primeiros impulsos do cérebro, e todavia aqui fora, já distante. Para mim, o facto de isto acontecer tem sempre uma magia infantil tal que, sim, se tivesse de representar simbolicamente a sua energia, recorreria à irregularidade com que Cecilia escreveu o seu nome, exigindo que eu olhasse para ela e naquelas letras a visse e a reconhecesse com entusiasmo.

Na minha obsessão de escrever, desde o início da adolescência, intervêm, provavelmente, tanto a ameaça daquelas linhas vermelhas — tenho uma caligrafia muito certinha e, mesmo quando utilizo o computador, poucas linhas depois de iniciar vou logo ao alinhamento e clico no ícone que dá a todas a mesma extensão —, como o desejo e o medo de as violar. De um modo mais geral, creio que a impressão que tenho do ato de escrever — e também todas as dificuldades que transporto comigo — esteja relacionada com a satisfação de ser capaz de estar bem enquadrada nas margens e, ao mesmo tempo, com a impressão de perda, de desperdício, por ter conseguido.

Comecei por uma menina que tenta escrever o seu nome, mas agora, para prosseguir, gostaria de vos convidar a passar algum tempo entre as linhas de Zeno Cosini, o protagonista do magnífico livro de Italo Svevo, *A Consciência de Zeno*. Zeno é surpreendido precisamente em pleno esforço de escrever, e o seu esforço, na minha ótica, não se afasta muito do de Cecilia. Leiamos:

Depois de almoçado, comodamente estirado sobre um *maple*, tenho um lápis e um pedaço de papel na mão. A minha frente está serena, porque eliminei da mente todo e qualquer esforço. O meu pensamento aparece-me isolado de mim. Eu vejo-o. Eleva-se, baixa-se... mas essa é a sua única atividade. Para lhe recordar que ele é o pensamento e que teria a obrigação de se manifestar, pego no lápis. Logo a minha testa se franze, porque cada palavra é composta por tantas letras e o presente autoritário ressurge e ofusca o passado.

Não é raro que quem escreve comece a narrar precisamente a partir do momento em que se dispõe a executar a sua tarefa; diria, aliás, que assim acontece desde sempre. O modo como imaginamos arrastar para fora, através da palavra escrita, um «dentro» fantasmagórico, por natureza sempre fugitivo, mereceria mais atenção quando se discute sobre literatura. Eu fui vítima do seu fascínio, coleciono-os de forma maníaca. E este trecho de Svevo sempre me sugestionou, desde rapariguinha. Escrevia continuamente, embora isso se revelasse cansativo e quase sempre decepcionante. Quando li aquele passo, convenci-me de que Zeno Cosini tinha problemas semelhantes aos meus, mas sabia muito mais sobre eles.

Svevo, como ouviram, sublinha que tudo começa com um lápis e um pedaço de papel. Depois verifica-se uma cisão surpreendente: o eu de quem quer escrever